

Dra. May Young, Comparando Lamentos dos Antigos Vizinhos de Israel no Oriente Próximo, Sessão 2

Esta é a Dra. May Young em sua palestra sobre a comparação de lamentos dos antigos vizinhos de Israel no Oriente Próximo, Sessão 2.

Bem-vindos de volta. Então, nesta palestra e desta vez, gostaria de falar sobre a comparação entre lamentos com os antigos vizinhos de Israel no Oriente Próximo.

Então, aqui, comparando lamentos, observando as culturas vizinhas de Israel e vendo que tipo de distinções podemos encontrar na Bíblia. Quais são algumas semelhanças? Vou apontar algumas delas. Quais são algumas diferenças e, por fim, aqui no final, vou resumir o que encontramos em diferentes culturas e abordar algumas das semelhanças e diferenças. Mas, no final, vou colocar, você sabe, o que podemos realmente aprender com esse tipo de comparação também.

E então, farei isso no final, quando pensarmos nisso. Então, quando pensarmos nos antigos vizinhos de Israel no Oriente Próximo, em quem vamos nos concentrar hoje? Então, vamos analisar o Egito. Também analisaremos os cananeus e os mesopotâmicos.

Mas o que estamos observando quando pensamos nisso é que, quando pensamos em lamento, muitas vezes, há duas categorias principais nas quais vamos pensar aqui. Há os cantos fúnebres. É mais ou menos assim que as pessoas gostam de lamentos fúnebres.

Portanto, o foco aqui não é onde as pessoas lamentam a perda causada pela morte. Trata-se mais do que vemos em termos do caráter do tipo de súplicas que encontramos no Livro dos Salmos, que trata mais de uma súplica à divindade.

Então, aqui, minha análise foi para ver se eles eram conhecidos na cultura que cercava o antigo Israel. Eles trazem orações para pedir ajuda aos seus deuses? E o que podemos aprender com esses exemplos do antigo Oriente Próximo? E há algo em particular que encontramos nos exemplos bíblicos que seja diferente dos lamentos bíblicos? E como isso pode ser instrutivo para nós dessa forma? Então, vamos olhar primeiro para o egípcio e o tipo de texto em egípcio. Depois, vamos olhar para alguns exemplos cananeus, ou algo assim, você sabe, o que encontramos aqui? Onde estão algumas semelhanças e diferenças? Vamos olhar para alguns, você sabe, pensando tanto no ugarítico quanto no hitita, e depois aqui no mesopotâmico, que está lidando com o sumério e o babilônico, enquanto pensamos sobre esses tipos de textos também. Então, mais uma vez, esta é apenas uma breve palestra

sobre falar sobre algumas generalidades de algumas coisas que veremos em alguns textos específicos, mas veremos, você sabe, o que encontramos aqui predominantemente.

Quando olhamos para o texto egípcio aqui, o que queremos saber é que não há muitos hinos e orações que datam do Império Antigo e do Império Médio. Então você pode ver os períodos aqui. Portanto, não havia muitos em termos do que podemos encontrar como paralelos aos exemplos bíblicos.

Mas quando chegamos ao Novo Império, temos textos mais comparáveis, mas eles não são necessariamente como o que encontramos nas escrituras. Não são como os lamentos que encontramos na Bíblia. Mas há elementos que podemos observar e que podem ser instrutivos para nós, ao refletirmos sobre como esses textos egípcios refletem sua relação com seus deuses, suas orações, suas súplicas e pedidos.

E aqui encontramos, mesmo na 18ª Dinastia, orações que são principalmente hinos. Portanto, elas são caracterizadas por louvor excessivo ou descritivo. Isso é muito interessante.

Portanto, não há necessariamente um lamento, uma petição, um louvor declarativo ou uma ação de graças nesses exemplos, ou não há muitos quando vemos isso. E isso é realmente muito instrutivo ou muito interessante. E também mencionarei isso um pouco mais adiante.

Mas John Walton, estudioso do Antigo Testamento, observou que, embora as orações egípcias sejam repletas de louvor, elas não contêm louvor declarativo ou ação de graças. Portanto, há muitos hinos louvando a Deus, sabe, mais sobre sua natureza e generalidades, mas não necessariamente atos individuais específicos realizados em nome da pessoa que ora, que é o que você realmente encontra nas escrituras aqui. Muitas vezes, as pessoas até mesmo juntam lamentos e ações de graças aqui em louvor declarativo no Livro dos Salmos.

Portanto, ele se apressa em apontar que isso não significa que eles não realizassem orações de Ação de Graças, apenas que não faziam parte de sua adoração no templo e que poderiam ter louvado seus deuses em um nível mais pessoal. Mas não foi registrado como parte da adoração oficial no templo. E isso também é algo que devemos ter em mente ao refletirmos sobre isso.

Mas, nos exemplos registrados, não encontramos muita coisa sobre isso aqui. E então, aqui na 19ª dinastia, temos alguns exemplos que mostram que essas orações ainda são mais hinos de louvor, mas agora contêm um pouco mais de petição. Então, você pode ter visto no texto anterior que eles não tinham tantas petições aos deuses.

Mas, novamente, elas ainda são diferentes do que encontramos em nossas orações de lamentação nas escrituras. E então, a diferença aqui, quero destacar, é que elas geralmente começavam com extensos louvores e bênçãos. Portanto, há muitos louvores aos deuses que aconteciam aqui.

E assim o estudioso Atmar Akil ressalta que raramente os egípcios vinham com pedidos diretos aos deuses. Portanto, eles não vinham simplesmente e traziam os pedidos. Geralmente vinham com louvores, bênçãos e até petições, e essa era a intenção final.

Embora a petição fosse a intenção final deles, essas vieram depois. Então, elas vieram no final para explicar por que todos os elogios anteriores eram necessários. Então, quando falo sobre isso, comparo a quando seus filhos vêm até você e dizem: "Nossa, você está tão linda hoje", ou, sabe, "você está realmente ótima".

E por trás disso, eles têm um pedido. Então, aqui, é como se estivessem bajulando a pessoa, ou um dos pais, ou algo assim, para concretizar a intenção final, que é o pedido. E você pode encontrar isso muitas vezes em pedidos desse tipo que vemos aqui também.

Portanto, há também uma diferença no sentido de que a admissão do pecado e a busca pela misericórdia dos deuses não são comuns. Isso é interessante aqui, especialmente no contexto da escrita egípcia. Portanto, se há pecado, a pessoa que ora descreve suas falhas individuais como resultado da ignorância e não do pecado.

Portanto, na literatura egípcia, há pouca disposição para buscar a misericórdia divina ou pedir perdão, já que a atitude normal era geralmente negar completamente ter cometido pecado, o que é bastante interessante aqui. Assim, você sabe, encontramos nas escrituras que o salmista vem e admite o pecado, ou o admite livremente dessa maneira. Mas aqui você não encontra isso tanto.

E talvez isso tenha a ver com a maneira como eles viam o mundo e a cultura. Então, o aspecto cultural aqui, e é aí que se situa o contexto da visão de mundo deles. O que encontramos na religião egípcia é que eles enfatizam o princípio de ma'at, ou justiça.

E assim, esse conceito sustentava o mundo através da crença em ação e consequência, também conhecido como princípio da retribuição. Portanto, quando você pensa no princípio da retribuição, basicamente, se você fizer o bem, colherá o bem. Se você fizer o mal, o mal cairá sobre você.

E então aqui está esse tipo de ato e consequência que está acontecendo. E isso está moldando a visão de mundo deles e como eles veem o mundo. E se ma'at ou a

compreensão deles de justiça não funciona como deveria, então o caos é o que reina.

E então, mais especificamente aqui, quando pensamos em justiça, ma'at aqui e ordem cósmica, bem como verdade e equilíbrio, é mais ou menos isso que estamos pensando aqui. Então, se isso não funcionar, teremos o caos que vai se instalar. Portanto, para os egípcios admitirem seus erros, isso perturbaria o equilíbrio de sua visão de mundo, do mundo aqui.

E proclamar a própria culpa era admitir a contribuição para o caos também, o que teria consequências prejudiciais, especialmente na vida após a morte e na maneira como eles viam a vida após a morte aqui. E então, aqui, como eles contribuíram? Sabe, até mesmo para a compreensão deles, sabe, como na vida após a morte seus corações pesam ao lado de uma pena, meio que vendo, sabe, aqui, sabe, como eles se saíram em termos de contribuição para a justiça ou para o caos dessa forma? Então, existem essas diferenças. Mas você também quer ver que existem algumas semelhanças que surgem desse tipo de comparação também.

Então, um deles está reconhecendo aqui que, sabe, para quem eles estão rezando. Então, aqui, o deus do sol, Amon-Rá, eles estão realmente o considerando um deus que garante ma'at. Então, aqui, é onde a divindade está realmente garantindo a justiça no mundo.

E aqui, as pessoas podem realmente recorrer a Deus em busca de justiça. Elas podem realmente vir e fazer petições, porque ele é o garante disso dessa forma. E então o Faraó é aqui o garante da justiça em termos do reino terreno.

E assim, qualquer um de seus inimigos é visto como representante do caos ou do isfet nesse sentido também. Portanto, aqui, qualquer um que se oponha ao Faraó está se opondo aos deuses nesse tipo de entendimento. Vemos isso também refletido no que temos nas escrituras aqui.

Então, a compreensão israelita é que muitas vezes eles podem vir orar a Javé porque Javé é quem administra a justiça, sabe, a justiça está em suas mãos nesse sentido também. E o salmista pode pedir a Deus que aja contra os inimigos, porque eles estão, em última análise, contra ele, trabalhando contra ele e se voltando contra os inimigos nesse sentido. E então há uma mentalidade semelhante nesse sentido, enxergando as coisas dessa forma também.

Então, aqui vai um pouco mais sobre uma breve discussão sobre algumas das semelhanças e maneiras pelas quais os tipos de textos que vemos nos costumes egípcios. A segunda categoria, para mim, são mais exemplos cananeus e, mais especificamente, ugaríticos. Estes são baseados em descobertas do sítio arqueológico de Ugarit, no final da Idade do Bronze, ou Ugarit, na atual Síria.

E então o que você encontrou lá, os textos, muitas vezes, eram mais administrativos ou listas. Portanto, eles não são necessariamente comparáveis ao que encontramos nos Salmos de Lamentação. Havia alguns paralelos no texto do Antigo Testamento, incluindo os Salmos.

Mas estes eram, em sua maioria, poemas narrativos, não salmos ou orações no sentido que temos aqui. Assim como na minha pesquisa aqui, havia duas orações notáveis, mais específicas sobre elas. Você pode encontrá-las no Oxford Handbook of the Psalms.

A lista aqui é extensa, e o que eles veem. Mas o que encontramos aqui, e suas semelhanças, é que muitas vezes há um estilo poético compartilhado com o uso de paralelismo. Portanto, o paralelismo é encontrado de forma bastante ampla na poesia hebraica aqui, e basicamente é um recurso poético que expressa uma ideia em duas ou três linhas, por meio de repetição, sinônimos e, às vezes, antônimos.

E assim, você pode encontrar isso tanto no Livro dos Provérbios quanto no Livro dos Salmos. Portanto, muitas vezes o paralelismo, esse tipo de estilo poético, também prevalece aqui nesses textos ugaríticos. Eles também tinham temas semelhantes.

Então, é gentil da sua parte falar sobre realeza divina, vitória sobre os inimigos, conselho divino e o submundo. Eles têm alguns desses temas que também podemos ver abordados nos Salmos. Então, John Hastings Patton observou que alguns também compartilhavam vocabulário.

E aqui ele meio que lista o tipo de porcentagem que podemos ver aqui, mas observe também que às vezes há grafias distintas ou formas abreviadas que são diferentes aqui. E então aqui você tem um vocabulário, um estilo e temas compartilhados. Muitas dessas coisas estão presentes aqui em termos de semelhanças com o que encontramos no texto bíblico também.

Também há algumas diferenças aqui. E aqui, Mark Smith observou que os temas nos textos ugaríticos às vezes não eram encontrados no sentido de sua devoção aos mortos. E, portanto, esse era um tema predominante nos textos ugaríticos.

Mas não encontramos isso necessariamente nos textos bíblicos. Os Salmos representam a divindade israelita como o deus dos vivos e o deus vivo. Então, a caracterização é um pouco diferente.

Portanto, mesmo nas semelhanças, também há diferenças. Há outra diferença notável: esses textos tratam do deus Baal e dão maior ênfase a um tipo de imagem mítica. Encontramos um pouco disso no Livro dos Salmos.

Você tem, sabe, Deus meio que escrevendo nuvens, ou, sabe, temos alguns elementos míticos nele. Mas, definitivamente, eles estão mais presentes em um elemento mais mítico aqui nesses outros textos também. Então, aqui, os estudiosos também destacaram que o gênero aqui, como falamos sobre gênero em nosso artigo anterior, eles não são como os bíblicos.

E então eles têm poemas que são uma mistura de diferentes. E então eles têm louvores descritivos, abençoando a divindade. Eles têm lamentos e votos, queixas.

E eles não são categorizados da mesma forma que encontramos nos textos bíblicos. Então, você não encontrará uma comparação direta. Mas eles têm, sabe, algumas semelhanças, mas também algumas diferenças.

William Hallow observa que os textos ugaríticos citados em todos esses estudos não são hinos nem orações e, portanto, só podem servir indiretamente para iluminar a categoria da salmidade bíblica como tal. E aqui, pensando mais ou menos a mesma coisa, não encontraremos uma comparação direta, mas ainda podemos dar uma olhada no que temos aqui. Por fim, uma das diferenças mais óbvias entre os textos de Israel e seus antigos vizinhos do Oriente Próximo é a crença em uma cosmovisão politeísta em oposição à cosmovisão monoteísta das Escrituras.

Então, seus vizinhos realmente acreditavam em uma infinidade de deuses e como eles operavam dessa maneira. E veremos um pouco mais sobre quantos deuses alguns deles realmente faziam petições dessa maneira. E agora, passando para os exemplos cananeus, mais exemplos hititas, passando de Ugarit para mais exemplos hititas aqui.

Então, aqui, o Império Hitita, na atual Turquia, é mais ou menos o assunto de que estamos falando, o que mostra que não havia muitos exemplos paralelos aos Salmos de Lamentação do Antigo Testamento. Mas encontramos algumas semelhanças ou diferenças que podemos observar aqui. Portanto, as orações do antigo reino, por volta do século XVII a.C., eram de natureza mais geral e não eram escritas em resposta a alguém específico ou mesmo vinculadas a indivíduos específicos.

Portanto, as primeiras eram definitivamente de natureza mais geral, e o tipo de orações ou textos que encontraram aqui. E então, algum tempo depois do novo império, muitas das orações reais foram escritas. E aqui, elas são identificadas de forma mais específica a pessoas específicas.

Assim, eles nomeavam reis ou membros da família real específicos que recitavam essas orações para si mesmos ou em nome de seu reino, geralmente buscando ajuda de diferentes deuses ou situações, assistência contra inimigos, pragas e cura de doenças. Portanto, elas são definitivamente um tipo de súplica à divindade, que é

encontrada muito mais nesses textos. Assim como outros vizinhos do antigo Oriente Próximo, os hititas adoravam um panteão de deuses.

E então, é aqui que você pode ver um exemplo: uma oração de Muwatali, a segunda invocava 140 divindades de 83 localidades diferentes. Estamos falando de uma visão de mundo politeísta que tem muitas divindades em mente, o que é muito, muito diferente do que encontramos na cultura israelita, na Bíblia e nas escrituras, o que está refletido ali, considerando Javé apenas nesse sentido também. Então, aqui eu quero falar um pouco sobre algumas das diferenças e, em seguida, analisar um exemplo específico que foi citado aqui por estudiosos, e observar algumas das diferenças e semelhanças nisso.

Então, uma das diferenças mais notáveis entre essas orações hititas tem a ver com o tipo de visão de mundo transacional que eles têm com seus deuses. Então, é muito transacional. Basicamente, você coça as minhas costas e eu coço as suas e, sabe, eu faço isso por você.

Você faz isso por mim. E é isso que estou trazendo aqui. E então Gwila Tori observou que essa abordagem transacional nas orações da primeira oração de Mursili II contra a peste, ela destacou como as orações prometiam recompensar a deusa do sol, Arena, com pão e libações ou oferendas de bebida se ela eliminasse a peste.

Então, basicamente, aqui, uma espécie de barganha ou acordo com os deuses é o que temos aqui. Além disso, Hayes sugere que as orações hititas eram, literalmente, argumentos ou estratégias para persuadir os deuses. E aqui, o termo hitita para oração está etimologicamente relacionado à palavra inglesa "argumento".

Então, aquar. E assim, uma das palavras hebraicas para oração, Tefilá, também tem associações judiciais semelhantes. E então, pensar nisso aqui é um argumento, uma espécie de persuasão aos deuses para agirem dessa maneira.

E aqui, embora parte da terminologia possa existir nos Salmos do Antigo Testamento em geral, o que encontramos aqui é uma mentalidade muito diferente da que encontramos na Bíblia. Não é uma mentalidade transacional como a que encontramos nas Escrituras. Não é aquela abordagem do tipo "você me coça as costas, eu coço as suas aqui".

Na verdade, você sabe, mesmo nos profetas em Miquéias 6 e 8, que apresentei aqui, há um quadro contrário. Então, os israelitas continuaram, sabe, chegando com essa mentalidade, chegando até mesmo ao tipo de sacrifícios que eles achavam que o Senhor queria, e o que Deus queria era, na verdade, um desejo de um relacionamento com o seu povo e que eles andassem em retidão, humildade e justiça. E então, aqui nestes versículos, diz, você sabe, que eles vêm depois que o profeta trouxe todas essas acusações sobre eles.

E então eles vêm em resposta e dizem: "Como devo me apresentar diante do Senhor e me prostrar diante do Deus exaltado?" Então com o quê? E então aqui, devo me apresentar diante dele com holocaustos, com bezerros de um ano? Então esse é o padrão. É isso que Deus quer? Ele quer o tipo padrão de sacrifício? É isso que temos que fazer para lidar com os pecados e as coisas que vocês trouxeram contra nós? O Senhor ficará satisfeito com mil carneiros, com 10.000 rios de azeite? Então eles meio que aumentam um pouco a aposta. É isso que ele quer? Sabe, é esse tipo de coisa, e então eles meio que levam isso ao impensável.

Então, oferecerei o meu primogênito pelas minhas transgressões, o fruto do meu corpo, pelo pecado da minha alma? E então eles estão, novamente, tendo uma mentalidade muito transacional de como eles pensam que são, que Deus está lidando com eles. E é isso que Deus diz ao profeta. Ele diz: "Ele mostrou a todos vocês, mortais ou velhos, o que é bom e o que o Senhor requer de vocês para agirem com justiça, amarem a misericórdia e andarem humildemente com o seu Deus". E então, aqui estão tipos muito diferentes de mentalidades do que encontramos aqui, até mesmo com as escrituras, em oposição a algumas dessas orações aqui.

Então, voltando aos exemplos específicos aqui. Esta é a primeira oração de Rosili à assembleia de deuses e deusas. E aqui ela é comparada especificamente ao estudioso, que a analisou, de certa forma, com os Salmos 88 e 89, e observa o seguinte:

E assim, este é Christopher Hayes. Em termos de semelhanças, tanto o hitita quanto os Salmos permanecem na escuridão e lamentam até o fim. Essas orações deixam quem as profere ainda à espera da intervenção divina.

E aqui eles ainda estão esperando. Então ambos têm isso. Tanto a oração hitita quanto a 89 têm um forte caráter real.

Então, aqui, de certa forma, com o Rei, identificando-se com o Rei, como vimos antes, falando sobre isso. Eles compartilharam temas como pedir ajuda à divindade e refletir sobre os tratamentos favoráveis recebidos da divindade no passado. E aqui está uma espécie de reflexão sobre o passado, pensando sobre o tratamento favorável aqui.

Mas a diferença aqui é que, como você sabe, no Salmo 88, o Salmo é mais individual em sua natureza e se refere ao sofrimento e à morte pessoal, em comparação com a oração hitita, onde o rei fala em nome da nação e até atua como um sumo sacerdote. E então aqui ele representa a nação, em oposição ao tipo de natureza individual que encontramos nos Salmos, o Salmo 88. E então, na oração hitita, ela tenta distanciar a geração atual da anterior, a fim de absolver a culpa.

Então isso é meio interessante. Eles não se identificam. Eles não querem admitir culpa.

Eles querem se separar de seus antepassados, que na verdade são os que pecaram, mas são de certa forma inocentes nesse sentido. E então, aqui, o Rei Mursuli meio que atribui seu sofrimento ao voto que seu pai quebrou. Embora os pais tenham realizado um ritual, declarando sua própria culpa, a nação de Hatti permanece culpada porque não realizou nenhum ritual em seu próprio benefício.

E aqui ele está fazendo restituição em nome da terra, mas também deixa claro que não cometeu nenhum mal. Novamente, essa distância de admitir pecados dessa maneira. E isso é contrário ao Salmo 89, que enfatiza a conexão com as gerações passadas.

E não há distanciamento dos antepassados. Não há, sabe, "eles fizeram algo errado", mas estamos indo bem. Sabe, isso é meio que uma identificação aqui.

Portanto, diferentemente da oração hitita, os Salmos 88 e 89 não identificam o motivo da ira divina. Em outras palavras, o salmista não se concentra em fazer algum tipo de retribuição, mas em implorar a Javé que traga alívio. Portanto, não se trata, novamente, de uma transação aqui, mas sim de trazer alívio, de certa forma, para o sofrimento deles que está acontecendo dessa maneira.

Então, aqui, seguindo em frente, ao analisarmos esses últimos tipos de exemplos, aqui estava o mais mesopotâmico. Portanto, entre todos os vizinhos de Israel, os antigos vizinhos do Oriente Próximo, provavelmente temos aqui a maior coleção de orações que poderia ser comparada a uma espécie de lamentos bíblicos, mais relacionados à Suméria e à Babilônia. E aqui, essas orações nos períodos iniciais da Mesopotâmia, orações escritas aos deuses, eram frequentemente inscritas em objetos votivos.

Então, muitas vezes, sabe, em tigelas, em armas, como em estátuas. E elas eram colocadas nos templos perto da divindade a quem se dirigiam. Então, eles traziam itens e inscreviam nessas orações, nesses itens, de certa forma, como se fossem um representante.

Portanto, eles eram considerados como substituindo as orações para estar constantemente na presença da divindade. Então, você está trazendo esse objeto porque a pessoa que está solicitando isso não pode ficar ali dia e noite. Eles trazem um objeto ali com suas orações para ficar diante da presença da divindade nesse sentido.

E assim, com o passar do tempo, esses objetos se tornaram muito caros, sabe, para encontrar essas tigelas, armas e essas coisas aqui. E então a pessoa, sabe, que

rezava, começou a escrever essas orações e cartas, e meio que tinha mais cartas. E eles as escreviam para a divindade, e as deixavam no templo também.

E assim, os estudiosos identificaram até nove tipos diferentes de orações. E assim, no meu livro, vocês podem ver aqui nas páginas 43 e 44 os detalhes dos diferentes tipos de orações que foram, vocês sabem, encontrados e os diferentes tipos que foram encontrados dessa forma, e como eles foram identificados. Então, outro aspecto que deve ser observado é que, assim como aqueles que se aproximam do governante humano não viriam de mãos vazias.

Muitas das orações sumérias e babilônicas também eram acompanhadas por rituais. Portanto, eles não apenas traziam estátuas ou objetos com as orações, como também traziam sacrifícios ou oferendas para apaziguar os deuses e garantir que os pedidos fossem atendidos. E, portanto, esses rituais eram realizados para motivar a divindade a atender ao pedido do orante.

E, novamente, uma mentalidade bastante transacional, mesmo que eles também se aproximem da divindade dessa forma. Aqui, Jessica McMillan comparou a oração suméria de lamentação a Ishtar com o gênero bíblico de lamentos e observou as seguintes semelhanças e diferenças. Então, você analisa alguns exemplos específicos aqui.

Este aqui tem algumas semelhanças, e a especificidade é que o poema tinha elementos muito semelhantes ao lamento bíblico. Então, temos alguns desses elementos, como invocação, louvor à divindade, queixa, petição. Então, você tem alguns dos elementos que são comuns aqui.

Há também o uso de frases semelhantes comuns, como "how long" (quanto tempo), algumas semelhanças estilísticas compartilhadas, recursos poéticos e alusões. Então, vocês também têm temas semelhantes. Então, vocês veem um pouco disso nesses tipos de orações dessa maneira.

A diferença aqui é que continha um extenso louvor no início da oração. Portanto, isso não é encontrado no lamento bíblico. Então, novamente, assim como as orações egípcias, que têm muito louvor no início, você também encontra isso aqui.

E então, na Bíblia, quando você encontra, sabe, lamentos bíblicos, especialmente, sabe, lamentos individuais, você simplesmente vê que o salmista simplesmente se aproxima de Deus e diz: "Ó Deus, tu sabes, ou a minha rocha". Não existe isso de vir, louvar e bajular a Deus. É apenas uma espécie de vir diretamente a Deus e se dirigir a Ele dessa maneira.

Então, você não encontrará isso em lamentos bíblicos, ou nesse tipo de oração extensa que se encontra no início. E aqui, enquanto os lamentos mesopotâmicos

normalmente começavam com louvor, os lamentos bíblicos normalmente terminavam com louvor. E então vimos isso também.

Então, eles meio que, sabe, trazem isso também dessa forma. E aqui, outra coisa é que as orações sumérias, muitas vezes, começam com uma apresentação da pessoa que reza. Então, a pessoa está se apresentando aos deuses.

Então, você tem este exemplo: eu sou, sabe, fulano de fulano, cujo deus é Marduk. E então, de quem é essa deusa? Então, essa apresentação formal diz quem eles são, a qual deus estão associados e por que estão aqui nesse sentido. Essa autoapresentação pode ser adaptada para várias pessoas, por diferentes motivos e situações, e eles estão dando um nome a isso.

E então não encontramos isso no texto bíblico aqui. Você não tem alguém chegando e dizendo: "Estou aqui e sou representado por este Deus" ou algo assim. É simplesmente diferente.

E então, novamente, este espelho diante da presença de um governante é provavelmente a melhor maneira de vê-lo, ou de alguém com autoridade superior que está sentado nos tribunais. E isso reflete esse tipo de distância entre essa pessoa humana e os deuses. E há uma distância ali refletida nesse tipo de necessidade de uma introdução que você não encontrará nos Salmos bíblicos, que falam de Javé como um refúgio e um escudo.

Portanto, é muito diferente a forma como pensamos sobre como os Salmos retratam esse tipo de comunicação diante de Deus. John Walton observa que, assim como as orações egípcias e cananeias, as orações babilônicas também não louvam seus deuses por atos individuais específicos de divindade realizados em nome do indivíduo. Portanto, novamente, trata-se mais de louvar quem eles são.

Não se trata de atos específicos de gratidão como os que encontramos em orações de lamentação e agradecimento a Deus por ouvir ou lidar com situações específicas. Estes não são específicos por natureza. E então, aqui, Klaus Westermann detecta que, na Babilônia, os Salmos louvam principalmente Aquele que existe, o Deus que existe em seu mundo de deuses.

Em Israel, louva-se principalmente a Deus, que age maravilhosamente intervindo na história de seu povo e na história de cada indivíduo e de seus membros. Assim, os deuses louvados na Babilônia têm sua história entre os deuses. No louvor de Israel, do início ao fim, o tema básico é a história de Deus com seu povo.

Então, novamente, há uma natureza muito pessoal que você encontra nos lamentos bíblicos, nos exemplos bíblicos, em oposição a, sabe, os deuses lidando e existindo no mundo dos deuses e meio que os louvando por isso, em vez de Deus realmente

interagindo conosco como seres humanos dessa maneira. E há uma diferença real nisso também. E aqui, outro aspecto importante é que, sabe, as orações penitenciais são uma espécie de orações de arrependimento, pois tentam identificar o pecado e confessar o pecado para apaziguar divindades iradas.

Embora o suplicante chegue arrependido, buscando reconciliação ou libertação do pecado e suas consequências da divindade, que está irada por causa de alguma ação do orante que não está especificada na oração. Então, aqui estão eles, sabendo que fizeram algo errado e estão tentando apaziguar. Trata-se de apaziguar os deuses.

Sabe, o que fizemos de errado? Como podemos corrigir isso? E muitas vezes isso era feito por meio de encantamentos, que também eram muito populares, ou ações rituais, como instruções específicas. Eles encontraram textos que diziam, tipo, faça isso e faça aquilo. Então, é mais um exemplo ordenado do que eles precisam fazer.

Então, eles vêm acompanhados de instruções, que incluem o uso de amuletos, a aplicação de sangue em casas, a queima de objetos, a dissipação do mal, causando, sabe, todas essas coisas que causam sofrimento. Então, eles tentam aliviar o sofrimento. E, portanto, há alguns passos que precisam ser tomados.

E, portanto, os salmos bíblicos são muito diferentes. Não são encantamentos. Não têm instruções explícitas.

Eles não são acompanhados por, sabe, algum tipo de ritual para aliviar a dor. Você não vai encontrar isso. Sabe, não vamos usar um amuleto para que nossa dor desapareça ou algo assim.

Então você não encontrará nada semelhante nesse sentido também. Assim como no Egito, as orações mesopotâmicas também adotavam uma postura de ignorância em relação ao pecado. Então, o motivo é diferente.

Então, como falamos, com a mentalidade egípcia, com a compreensão de Maat e da justiça aqui, em vez de temer o julgamento ou contribuir para o caos, as orações mesopotâmicas alegavam ignorância, porque não sabiam realmente o que tinham feito para ofender os diferentes deuses. Existem tantos deuses.

Eles não têm certeza, sabe, de quem realmente ofenderam. Então, é mais uma questão de ignorância sobre o que pode ser ofensivo para um deus e não ser ofensivo para outro. E, portanto, eles não sabem exatamente o que aconteceu ou o que fizeram para causar o tipo de calamidade que estão vivenciando dessa forma.

E então, aqui, talvez a alegação de ignorância não esteja presente na Bíblia porque a visão de Israel não é uma cosmovisão politeísta. E então, quando se tem tantos deuses, é difícil rastrear, sabe, os pecados que poderiam ter irritado os diferentes

deuses dessa forma também. E então, outra diferença aqui é o papel dos intermediários.

E então, aqui nessas orações mesopotâmicas, você tem pessoas que têm intermediários que vão se colocar no seu lugar para defender seu caso dessa maneira. E, portanto, isso decorre dessa visão de mundo politeísta de que um deus poderia interceder pela pessoa que ora aos outros deuses. Assim, as pessoas teriam seus próprios deuses pessoais ou deuses locais que poderiam interceder por alguém mais alto no escalão ou hierarquia e interceder por eles dessa maneira.

E assim, eles vêm em nome da pessoa que ora como um deus dessa maneira. E, portanto, têm intermediários dessa maneira. E aqui, uma característica comum é a intercessão de uma divindade perante outra divindade em nome do suplicante.

Portanto, não é incomum que uma pessoa em sofrimento reze ao seu deus pessoal para que intervenha em seu favor perante os deuses superiores, ou vice-versa. Então, na verdade, temos esse tipo de encontro. Eles não podem ir diretamente ao deus superior.

Na verdade, eles precisam passar por seu deus pessoal. E então, aqui, essa hierarquia existia e os indivíduos não tinham necessariamente um relacionamento pessoal com, sabe, o deus supremo nesse sentido. E então, aqui, negava-se soberania total a qualquer deus individual.

Mas é interessante porque, mesmo assim, os deuses de nível superior eram frequentemente louvados como se fossem totalmente soberanos. Isso é interessante na forma como eles são abordados, mesmo nesses tipos de textos. E aqui estão algumas das semelhanças e diferenças que encontramos.

E então, este aqui, na Mesopotâmia, também existe um gênero diferente chamado lamentos urbanos sumérios. E assim, muitas das orações que acabei de discutir eram consideradas orações mais individuais, sabe, súplicas à divindade. E essa categoria, na verdade, é um tipo separado de gênero que é mais corporativo em alguns aspectos, ou uma espécie de lamento urbano, como a vemos.

Então, essas orações lamentavam a queda das cidades e refletiam sobre o significado desses eventos. O que provocou a queda, a reconstrução da cidade e coisas assim. Portanto, embora sejam diferentes do gênero de lamentação comunitária dos Salmos, elas podem informar nossa compreensão do livro de Lamentações.

Então, como mencionei anteriormente, o livro de Lamentações é, na verdade, uma espécie de lamentação pela destruição da cidade de Jerusalém. E, portanto, temos aqui alguns predecessores em termos de lamentos urbanos sumérios que, sabe, são algo que realmente inspirou o livro de Lamentações? Sabe, podemos ver isso? Então,

os estudiosos encontraram os cinco lamentos urbanos sumérios na Mesopotâmia. Então, esses são os cinco que lamentam a destruição de Ur; esses são provavelmente os cinco mais famosos quando pensamos no gênero de lamentos urbanos sumérios e como eles são discutidos.

E aqui, esses lamentos foram escritos em resposta à destruição de diferentes cidades na Suméria. Você pode encontrar aqui o conteúdo e a forma desses lamentos variados, mas eles também compartilhavam temas. Então, novamente, como vemos em qualquer gênero, eles têm algum tipo de tema em comum dessa forma.

Então, todos eles falavam da destruição da cidade e do templo por um ou mais dos seguintes motivos. Então, na verdade, temos um evento destrutivo, seja ele um ataque militar, uma peste, uma seca ou uma fome, e também falavam da perda de habitantes, da decisão do deus de destruir a cidade, do abandono do deus protetor da cidade. Aqui, o deus está de fato deixando a cidade, assim como a restauração da cidade e do templo, e o retorno do deus protetor.

Então, temos todo esse processo que é até mesmo aludido ou discutido aqui. E alguns estudiosos sugerem que esses lamentos urbanos eram recitados ou usados quando as cidades eram reconstruídas. Então, após a destruição, quando elas foram reconstruídas e seu templo restaurado, eles os recitavam nesses momentos dessa maneira.

Da mesma forma, houve uma forma posterior. Assim, o desenvolvimento desses lamentos urbanos sumérios, na verdade, tinha categorias diferentes, chamadas Balegs e Urshimas. E estes eram meio que derivados desses lamentos urbanos originais.

Mas, na verdade, essas palavras tinham um pouco mais de imprecisão. Tornaram-se mais gerais por natureza. Tão gentis da parte delas que provavelmente poderiam ser usadas para se adaptar mais facilmente dessa forma.

E assim, eles eram usados quando um santuário precisava ser erguido e restaurado, e a restauração e remodelação do templo era um passatempo importante entre os governantes do antigo Oriente Próximo. Mas também são usados durante os festivais de Akitu dessa forma. E aqui você pode ver que eles eram mais ou menos da mesma época, mas também são de natureza mais geral.

E, portanto, seus predecessores são mais específicos nesse aspecto. Isso os ajuda a adaptá-lo um pouco melhor a diferentes situações. Portanto, o que você encontra aqui é que, embora os estudiosos diverjam em opiniões, muitos acreditam que o Livro das Lamentações reflete algumas das coisas que encontramos até mesmo nesses lamentos das cidades sumérias.

E então, aqui, o que eu quero destacar também, em geral, enquanto pensamos na comparação com os antigos vizinhos de Israel no Oriente Próximo e os diferentes tipos de formas, textos, orações e coisas que encontramos aqui, é, pensando aqui, até mesmo no Livro das Lamentações e nos lamentos das cidades sumérias. Então, é para mostrar que a literatura não surge do nada. Então, mesmo quando olhamos para os lamentos bíblicos e pensamos sobre isso, ela não surge do nada.

Eles têm um contexto de vizinhos. Eles têm um contexto no qual essas formas estão surgindo aqui. E então, previamente, a influência contextual e os protótipos anteriores podem ser usados para moldar trabalhos posteriores.

E aqui podemos ver algumas semelhanças e exemplos bíblicos. Também podemos ver muitas diferenças. Portanto, essas influências não precisam refletir a compreensão teológica ou filosófica das obras anteriores, embora existam semelhanças, e as diferenças possam ser instrutivas e esclarecedoras.

E então eu acho que, assim como vocês podem ver isso, mesmo para o Livro das Lamentações e todos os que acabamos de examinar, também podemos ver que isso pode ser instrutivo para nós, ao pensarmos sobre os lamentos bíblicos e como eles são diferentes, como podemos aprender? E é aí que, vocês sabem, esta última parte fala sobre, vocês sabem, depois de analisar brevemente alguns dos exemplos aqui, como podemos aprender com as semelhanças e diferenças? Então, quando olhamos para as orações dos vizinhos de Israel, como isso nos ajuda quando desejamos recuperar o lamento bíblico, quando pensamos sobre o que é bíblico, o que é diferente no lamento bíblico e como o gênero de lamento no Antigo Testamento reflete a cultura de sua época e como eles também diferem? E então, o que encontramos nisso? Como isso pode ser instrutivo, e como podemos nos referir e aprender com essas diferenças no que encontramos nesses exemplos também? E então, primeiro eu gostaria de falar um pouco agora, resumindo, você sabe, olhando para todos esses diferentes tipos aqui, você sabe, quais são algumas semelhanças? Quais são algumas diferenças? O que podemos realmente aprender com eles e o que pode surgir disso? E então, aqui está uma coisa que é semelhante: assim como seus vizinhos ofereceram suas orações aos deuses em tempos difíceis, e eles tinham, você sabe, elementos, vocabulários e temas semelhantes, você pode descobrir que Israel também está fazendo o mesmo. Então, eu acho que isso fala da natureza universal do sofrimento, a natureza universal do tipo de situações em nossas vidas nas quais precisamos buscar ajuda e súplica. E então aqui podemos encontrar esse tipo de busca pelos deuses em tempos difíceis.

A visão de mundo deles ia além do mundo físico. E então, aqui, você sabe, não era apenas o mundo material que existia para eles. Eles reconheciam que havia algo além do mundo físico e, portanto, de certa forma, aludiam e se colocavam diante dos deuses.

Eles acreditam que os deuses são aqueles que mantêm a justiça e trazem vingança, cura e alívio. E, portanto, reconhecem aqui que isso vem, sabe, de fora deles mesmos, até mesmo do reino espiritual e de deuses que mantêm a justiça e têm, sabe, esse tipo de poder nesse sentido. Eles acreditavam na existência de seres divinos e em sua capacidade de ajudar quem ora.

E então aqui há um envolvimento com o mundo divino e, você sabe, com o mundo físico e também com a pessoa que ora. E então não era apenas uma divindade distante, mas eles podem realmente se envolver aqui. E eles também viam os seres divinos como superiores em capacidade aos humanos.

Portanto, não é surpreendente que os deuses tenham sido extensivamente louvados por seu caráter e feitos gerais demonstrados na criação e na sustentação do mundo. E, portanto, aqui reconhecemos que, você sabe, os seres humanos são limitados em nosso poder e que precisamos, de alguma forma, recorrer a alguém superior, com maior autoridade nesse sentido. E, portanto, tendo esse tipo de semelhança, abordamos aqui a divindade e os deuses nesse sentido também.

Então, quando pensamos nas diferenças aqui, sabe, existem algumas diferenças teológicas fundamentais, que podem ser resumidas nas duas categorias principais a seguir. Pensando bem, existem duas categorias principais nas quais eu categorizaria essas diferenças. E a primeira seria como eles viam a relação entre os seres humanos e o divino.

Então, aqui, mais especificamente, como eram vistas as relações entre os seres humanos e o divino? Embora soubessem que, sabe, os humanos eram meio limitados em seu poder, e as divindades eram mais poderosas. Sabe, o que caracterizava a maneira como eles viam o relacionamento e como interagem? Então, a primeira questão aqui é, definitivamente, essa visão de mundo politeísta versus monoteísta, e como eles a veem. E então, essa visão de mundo politeísta dificultava a interação pessoal com todos os deuses.

Então, as orações não refletiam um relacionamento íntimo. Isso é algo muito óbvio aqui, porque quando você tem tantos deuses, é difícil, sabe, ter intimidade com todos eles dessa forma. E é muito gentil da sua parte ver que não era necessariamente um relacionamento íntimo na forma como se reflete e como, quando eles abordam isso, o que é muito diferente da Bíblia.

E nesse sentido, também moldou a visão deles sobre o pecado. Seja pela ignorância do pecado, mais especificamente pela compreensão egípcia de que não queriam participar e contribuir para o caos, ou pela dificuldade de registrar o que haviam feito para provocar ou desagradar aos diferentes deuses, isso moldou a forma como encaravam o pecado e o que faziam de errado, ou a forma como se aproximavam de seus deuses dessa forma, e como os suplicavam.

Então, isso exigia a necessidade de intercessão dos deuses pelos deuses ou pela pessoa que orava. Para ajudá-los a obter um favor, porque havia essa hierarquia. Então, eles não podiam fazer isso sozinhos.

Eles precisavam de outros deuses para ajudá-los, seus deuses pessoais, pessoas que viessem como intermediárias neste. Não basta estar em harmonia com o deus pessoal. Eles precisavam da ajuda dos deuses para garantir o bem-estar geral.

Então, eles precisavam, sabe, estender suas redes, certificar-se de que tudo ficaria bem. E aqui, sua compreensão contribuiu para a sensação de distanciamento ao se aproximar do divino. Então, eles precisavam se apresentar e trazer presentes ou oferendas.

E então aqui poderia ser bem formal. Eles realmente tinham que se apresentar aos deuses superiores. Eles tinham que encarar a situação de forma mais transacional, trazer sacrifícios e oferendas, ou presentes, para que seus pedidos fossem ouvidos.

Eles também iniciavam suas interações com louvores extensos para garantir uma resposta positiva. Portanto, tinham que se esforçar ao máximo para que os deuses estivessem dispostos a ouvir e atender ao seu pedido. Outra diferença é que, sabe, há uma relação mais distante com o divino, pois não há tantas orações de agradecimento, nem respostas pessoais sobre as quais eles falam aqui, nem declaram, sabe, atribuindo ao que o deus fez pelo indivíduo.

É mais um elogio de natureza geral do que um reconhecimento do que os deuses fizeram pelo indivíduo em certo sentido. E aqui, suas orações enfatizam os elementos míticos de seus deuses. Então, de certa forma, mais uma vez, demonstrando uma distância maior entre os deuses e o mundo humano.

E aqui também há uma distância maior nesse sentido. Outra coisa a se pensar é como eles veem a relação entre deuses e humanos. É aqui que o Antigo Testamento não apresenta essa visão de mundo politeísta.

E assim, Javé é o único Deus. Portanto, ele é o criador e o sustentador do mundo. Portanto, os Salmos não mostram um Deus que seja removido.

E aqui mostramos que Deus é, na verdade, muito íntimo. Assim, temos até no Salmo 2710, o salmista declara com confiança que, mesmo que seus próprios pais o abandonassem, ele sabe que o Senhor ainda cuidaria dele. Quer dizer, a intimidade é tão diferente, tão nítida, do tipo de oração que vemos modelada nas outras orações aqui.

E, portanto, não há necessidade de apresentação formal ao se aproximar de Javé. Ele conhecia o salmista intimamente mesmo antes de ele nascer, diz o Salmo 139. E aqui há um genuíno senso de intimidade do qual o salmista está ciente, e conhece esse tipo de relacionamento que ele tem com Javé.

Israel também tinha essa relação especial de aliança. E assim ele pode realmente trazer, sem nenhuma pretensão aqui, ele pode simplesmente entrar e trazer seus pedidos. E assim ele não precisa louvar a Deus extensivamente.

Então, você não vê nenhum louvor extenso acontecendo nessas orações de lamentação antes. Geralmente é apenas uma espécie de invocação ou chamado a Deus, em um discurso direto a Ele, e então entra no pedido e na lamentação dessa forma também. Então, aqui pode levar diretamente ao lamento e ao pedido também.

Eles podem entrar sem precisar garantir o favor de terceiros. Você não tem um intermediário no sentido dessas orações. Sabe, um Deus orando em nome disso.

Não temos esse tipo de exemplo com essas orações de lamentação. Eles não precisavam vir sem pecado ou sem, sabe, se comportar da melhor maneira possível. Então, em vez disso, o salmista frequentemente expressava sua dor e angústia e então admitia livremente a culpa, bem como a inocência.

E assim, eles não precisaram se distanciar de seus predecessores para absolver a culpa. Mas se identificaram com seus pecados. Eram honestos em suas intenções, mesmo tendo vindo antes deles.

E o que eu acho ainda mais incrível aqui é que, como crentes do Novo Testamento, podemos experimentar uma comunhão ainda maior como povo de Deus porque o Espírito Santo realmente vive dentro de nós, como diz em 2 Coríntios. Isso deve nos encorajar a nos apresentar diante de Deus com confiança. Assim, mesmo quando pensamos em orações de lamentação e até mesmo lamentando por nós mesmos aqui, uma crise vivida na cruz nos deu acesso ao trono da graça.

E assim, aqui, mesmo que vejamos essas orações de lamentação como formas de orar, podemos, de fato, ter maior confiança e compreensão de que isso é fundamental para nós. E estamos pensando em resgatar o lamento bíblico, que está enraizado no gênero de lamento encontrado nas Escrituras, para que nós, como crentes do Novo Testamento, possamos entrar com confiança e reconhecer essa intimidade que também podemos ter com Deus. E assim, o Antigo Testamento fala constantemente de Deus ouvindo o clamor do seu povo e libertando-o.

Encontramos isso em Êxodo. E aqui, o gênero de louvor declarativo ou ação de graças era geralmente associado a lamentações individuais. Então, aqui, isso é algo muito diferente.

Então, na verdade, você tem, sabe, com Herman Gunkel, uma espécie de identificação de quatro tipos diferentes de gênero nos Salmos. Um deles são os Salmos de Ação de Graças, e eles geralmente são associados a lamentos e lamentações individuais. E aqui está uma espécie de resposta de Deus e suas respostas a orações individuais.

E assim, o louvor declarativo resulta da ação e intervenção de Deus, a fonte do louvor declarativo. E isso é interessante aqui. Novamente, o fato de o louvor declarativo existir na Bíblia é um testemunho de que orações de lamentação não passam despercebidas.

E acho que isso é importante para nós. Sabe, não estamos orando a Deus que esperamos que nos ouça. Estamos orando a Javé, nosso Pai Celestial.

E ele é o único capaz de responder. E ele responde. E assim descobrimos que, mesmo nos Salmos, ele responde.

E assim como ele respondeu ao salmista, ele também pode nos responder. E que não estamos simplesmente lançando nossas orações neste abismo do reino espiritual ou no universo sem qualquer tipo de garantia de sermos ouvidos. De fato, encontramos exemplos bíblicos aqui dessa maneira.

E, portanto, não estamos sozinhos em nosso sofrimento. E que, mesmo por nós, crentes do Novo Testamento, Jesus intercede por nós e nos lembra que, vocês sabem, aquele que não poupou seu próprio filho, mas o entregou por nós, também pode nos dar todas as coisas, para que tenhamos confiança, mesmo enquanto rezamos as lamentações.

Então, a segunda diferença teológica aqui é, você sabe, como as orações funcionam. E aqui, como você leu, muitas das orações eram transacionais. Os hititas vinham diante de Deus para apresentar razões e argumentos pelos quais Deus deveria ser persuadido a perdoar ou eliminar o pecado e o sofrimento.

A ênfase deles não era pedir misericórdia ou perdão. E isso é muito diferente nesse sentido. A razão pela qual frequentemente nos relacionamos com a nossa companhia são os sacrifícios e ofertas trazidos e prometidos pelo requerente.

E você também vê nessas orações sumérias babilônicas, elas são consideradas encantamentos, uma espécie de rituais, presentes e coisas que eles precisavam fazer. E eles as realizavam para garantir um resultado positivo. Portanto, as respostas

dependiam de garantir que eles realizassem esses rituais corretamente, trazendo os presentes certos e fazendo as coisas certas.

E esses rituais frequentemente incluíam encantamentos que reforçavam a mentalidade transacional. Então, é uma mentalidade muito transacional, como você pode imaginar. Portanto, o processo passo a passo era provavelmente mais fácil e seguro ao se aproximar do divino do que entrar com total entrega e vulnerabilidade.

Então, isso é realmente diferente aqui. Quando você pensa nisso, nesse tipo de mentalidade aqui e em como as orações funcionam, sabe, quando chegamos, não é como se tivéssemos que fazer isso, isso e aquilo e garantir que estamos fazendo certo para obter o resultado certo. Na verdade, é o que você encontra no livro de Salmos aqui.

E então os lamentos são apenas os Salmos derramando seus corações, chegando em vulnerabilidade. É muito diferente de entrar com uma mentalidade transacional e de como você poderia ver as coisas dessa maneira. E então, aqui, embora haja terminologia semelhante nos Salmos, o Antigo Testamento é diferente, onde diz, você sabe, que Javé considerava a retidão e a justiça mais importantes do que os sacrifícios.

E é aqui que descobrimos que fazer o que é certo e justo é mais aceitável ao Senhor do que um sacrifício. Portanto, aqui, em outras palavras, Javé não é persuadido a agir por meros sacrifícios ou ofertas. Assim, o salmista oferece votos de louvor, como podemos ver, mas eles não funcionam como encantamentos.

Não é a mesma coisa. Portanto, o louvor não substitui o sacrifício. O voto não é feito para garantir um resultado positivo.

Em vez disso, foi parte de uma transição do lamento e da petição para o louvor. E, portanto, isso é importante porque, quando pensamos no lamento bíblico e na recuperação do lamento bíblico, reforçamos que o lamento bíblico é um processo. Portanto, não é apenas assim que você entra em uma transação.

Não é uma fórmula. Não é um encantamento. Quando lamentamos diante de Deus, estamos, na verdade, esperando por ele.

Estamos nos apresentando diante de Deus desta forma. Assim, ao derramarmos nossa dor e nossas decepções, dor, vergonha e sofrimento, não estamos nos envolvendo em um ritual transacional. Estamos nos apresentando diante de Javé, que é nosso Pai Celestial.

Compartilhamos nossos pensamentos, desejos e esperanças mais profundos. É nesse processo que o salmista frequentemente encontra uma nova perspectiva e uma nova

expectativa que leva a uma esperança ainda maior. Assim como Jó e Habacuque receberam uma nova perspectiva por meio de seu encontro com Deus, muitos dos salmos de lamentação também exibem essa mudança.

E assim, as orações de lamento bíblicas não são encantamentos, e não são apenas barganhas ou manipulações para que Deus aja. Em vez disso, elas se envolvem com Deus em plena rendição e vulnerabilidade. E então, eu acho que isso é algo que realmente precisamos levar a sério quando pensamos em recuperar o lamento bíblico, e pensamos sobre a oração e como estamos nos envolvendo com Deus.

E então, eu gostaria de encerrar nosso tempo aqui com algumas perguntas para reflexão. Então, depois de uma breve discussão sobre as orações dos vizinhos de Israel, como elas nos ajudam a ver a natureza única do lamento bíblico, sabe, meio que surgindo desse contexto? O que há de tão único no que encontramos na Bíblia? E eu acho que há muitas coisas pelas quais poderíamos ser gratos. E então, quais são algumas diferenças teológicas gerais entre a visão de Deus do Antigo Testamento e a de seus vizinhos? E como essas diferenças afetam suas orações? E então, pensando em como eles se aproximam de Deus, como oravam dessa maneira, e quais eram algumas diferenças específicas, e quais se destacaram mais para você? E como essas diferenças ajudam você a apreciar o lamento bíblico e o que encontramos nas Escrituras? Então, obrigado.

Esta é a Dra. May Young em seu ensinamento sobre Comparando Lamentos dos Antigos Vizinhos de Israel no Oriente Próximo, Sessão 2.